

EM DEFESA DO RIO*

CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO**

*Chefe do gabinete do Prefeito da cidade
do Rio de Janeiro*

Em 1914, no prefácio de sua sempre lembrada obra "A Organização Nacional", mestre ALBERTO TORRES, Presidente do Estado do Rio de Janeiro no último triênio do Século XIX, escreveu:

Absorvera meu espírito, nos primeiros meses do Governo, a ambição de promover a transformação de sua vida econômica, solver sua crise financeira e impulsionar seu progresso intelectual.

É um belo exemplo pela fonte autêntica de um governante grande como pessoa, como líder, como intelectual. É, pois, paradigma a ser copiado.

O alcaide Israel Klabin deu uma nova dimensão carioca à cidade do Rio de Janeiro. Primeiro, a preocupação de descaracterizar a Prefeitura como Secretaria de Obras. Segundo, ter fixado um perfil metropolitano que não repetisse a monotonia do planejamento em macro-obras muito além da capacidade financeira do Município. Terceiro, a decidida performance do governo municipal na tríade diretiva que se impôs: viabilidade econômico-financeira da Cidade, modernização administrativa, desenvolvimento social e cultural.

Não se trata agora de preocupar-se com o ontem. Este existiu no seu tempo e o que nele foi feito será aproveitado, aperfeiçoado, mudado, conforme as circunstâncias imponham novas soluções. O que importa com relação ao ontem é o fato de que inculpá-lo das dificuldades do presente será miopia de perspectiva histórica, lugar comum na vida política. O que deseja o governo municipal é construir para o hoje e para o amanhã.

* Publicado no jornal "O Globo" de 01/07/79.

O Rio de Janeiro tem de reencontrar urgente a sua biografia. Que tipo de Cidade deve ser o Rio de Janeiro? É certo que não queremos um carioca bairrista perdendo a sua dimensão metropolitana e nacional. Queremos o Rio defendendo o que é seu, postulando da federação o que lhe cabe como centro focal do Brasil. É aqui que devemos investir nas obras humanas, gerando recursos com destinação social e capitalizando para o enriquecimento cultural da Cidade. O Rio de Janeiro tem de formular outra biografia que não a de cidade do lazer.

Biografia humana é a aceleração das micro-obras, de um lado, e a liderança moral para exigir macro-obras que estão muito além da capacidade financeira do município como dito antes. Quais são as micro-obras? São: a urbanização das favelas por intermédio de projetos integrados abrangendo a limpeza, a luz elétrica, a saúde, a educação, a animação cultural; o reaparelhamento e o aperfeiçoamento das unidades de atendimento primário; o reequipamento das unidades escolares, conservando-as e estimulando o pessoal docente a participar da obra comum e fundamental da educação; a limpeza da cidade; a ampliação das áreas de lazer, especialmente nas zonas norte e oeste da Cidade; a mobilização de toda a comunidade para os mutirões de serviço, de rua em rua, de bairro em bairro, tomando conta da cidade inteira; a modernização administrativa, contagiando todo o funcionalismo para a importância que tem no sistema social. Estas micro-obras são o plus do governo, a partir da aceleração do processo decisório para que as coisas aconteçam rapidamente.

Elas são completadas pela essencial liderança moral da cidade na postulação dos seus direitos como metrópole de convergência nacional. O que significa essa liderança? É reivindicar o que é nosso. Não permitir que indústrias já aqui instaladas sejam transferidas; instalar novas indústrias em zonas adequadas, que tragam novos empregos para o povo carioca; de mandar investimentos federais em setores prioritários como os grandes sistemas viários, as obras de infra-estrutura, a habitação popular,

o reforço da atividade científica e tecnológica. É proteger a nossa ambiência natural. É estimular o fortalecimento da Cidade como centro de serviços. É neste painel que está o RIO DÓLAR, a criação de zona especial, a instalação de centros de alta tecnologia. É o Rio criativo como pólo da vida cultural da Nação. E tudo isso na grande prioridade do desenvolvimento social. É o Rio dinâmico, crescendo com o seu povo, evoluindo para ser humano por obra de sua própria gente. A Secretaria de Desenvolvimento Social já anunciada pelo Prefeito Israel Klabin tem esse sentido e esse alcance. Será uma grande central coordenadora das forças vivas que atuam em todos os níveis sociais.

Essa Secretaria atuará para o bem estar do carioca. Por meio dela postularemos a coordenação de todos os recursos destinados ao setor social. E esperamos que o Governo Federal compreenda a necessidade de destinar recursos específicos para projetos de desenvolvimento social na área do Rio de Janeiro.

Há uma lógica nisso tudo. O Rio de Janeiro é uma cidade singular. Por isso deve ter um tratamento também singular. O Rio de Janeiro é um núcleo de poder nacional muito importante.

A insatisfação popular aqui adquire repercussão muito intensa. As forças sociais estão organizadas e o povo tem um nível de atenção política alto. Assim, nesta transição, nesta busca de um novo patamar em nossa história política, um mau governo no Rio de Janeiro exacerbaria a insatisfação popular já grande, pela volta da inflação, pela insegurança da cidade, pela alta dos produtos alimentares primários, pela "favelização" da classe média, a mais sofrida por qualquer terapia antiinflacionária.

Outro dia, Padre Ávila usou a imagem "cidade sitiada", e ele tem toda razão. Ora, o Prefeito Israel Klabin assumiu o seu cargo com a disposição de fazer socialmente. Por isto está lutando para obter um orçamento adequado. Para tanto a compreensão do Governo Federal é importante. Faz-se indispensável investimento social de vulto para que

seja possível alcançar o objetivo maior do desenvolvimento. E nós acreditamos que o Governo Federal entenderá a singularidade do Rio de Janeiro e não nos negará o apoio necessário. Afinal a aliança entre governos é episódica, mas a aliança com o povo é permanente.

Lutar por tudo isto é o grande compromisso do governo municipal com o seu povo. E esse compromisso está e continuará sendo rigorosamente cumprido.